

O coronel e a quarentena mortífera (XIX)

Foi uma noite serena na quarentena. Deitei cedo, o que não era habitual.

Apaixonado pela quarentena, suas revelações e minhas descobertas existenciais adiadas, estávamos perfeitamente harmonizados. Eu e ela (a quarentena) fazíamos juras de amor.

No fundo, no fundo, já que todo mundo vai morrer um dia, talkey?, eu torcia para a curva subir.

Minha meta imaginária, movida por uma paixão irracional, era 10 mil mortos por dia, durante uns vinte ou trinta dias. Sei lá, podia até ser mais. Eu mesmo passei a me achar um fascista, genocida, sanguinário, bolsomínion e, com o perdão da palavra chula, um bom filho-da-puta, mas eu estava apaixonado pela quarentena. Uma paixão irrefreável, inigualável, ignóbil, impossível, incompreensível mas estava eu lá totalmente dominado. Nisso ouvi gritos e acordei assustado.

Dona Zilá (minha sogra) gritava tal qual uma gralha. Já estava em pé na porta, sem a cadeira de rodas. *“Dona Zilá, que que é isso?” “Incêndio, seu idiota.”* Corri igual ao Usain Bolt, levantei a Marli (minha mulher), minha filha Calissa e puxei-as pro corredor. Eu gritava em dueto com Dona Zilá e num intervalo harmônico pude ouvir as sirenes dos bombeiros. Marli, pra variar tentou voltar pra cama, mas quando acordou começou a gritar. Calissa, como sempre, zen. Descemos pelas escadas, Calissa levou a cadeira de rodas da avó e eu peguei a velha no colo, me sentindo como um bombeiro das Torres Gêmeas.

Lá embaixo a multidão. Parecia uma revolta milicianista bolsonarista contra o isolamento social.

Fazia meses que eu não via tanta gente reunida. E pior, sem máscaras apesar da fumaça.

Confesso que até eu estava sem a pânico antefacial. Depois, mais calmo, pensei que 240 apartamentos deviam ter, pelo menos, uns mil e sessenta moradores reunidos na Barata Ribeiro interditada e cercada pelos bombeiros. Para as redes sociais do gabinete do ódio essa manifestação era a queda da Bastilha e a invasão do STF. No meio da turba, avistei Raimundo, um dos porteiros-chefes. *“Raimundo, quem é aquele velho gaiato de cueca samba-canção e de meias ali gesticulando?”* Ele me respondeu solene: *“É o coronel Jair Palhares, do apartamento que pegou fogo...”* “Ah!” E aí, emendei: *“E aquela velhota do lado dele estrebuchando?”* *“É a Dona Regina Damaço, esposa dele...”* “Ah!” Perguntei, então, porque eles gritavam tanto com os bombeiros. O Raimundo me esclareceu. Disse que o general Palhares estava dando uma bronca no major do Corpo de Bombeiros pela sua incompetência em reconhecer que o incêndio tinha sido provocado pelos comunistas do edifício. Eu falei pro Raimundo que ele havia dito que o Palhares Damaço era coronel, mas ele explicou que para os que não o conheciam ele dizia que era general. “Ah!” Raimundo continuou dizendo que o general/coronel de cuecas havia apontado pra três moradores: o Luizinho Psol do 902; o Jeremário Vencomigo do 104 e o Domitilo de Andrade do 303. Confesso que meu coração deu um salto em altura de 2 metros e quarenta e cinco centímetros, igualando-me ao *record* de 1993 do cubano Javier Sotomayor, e pensei: *“estou lascado, vou p’ras masmorras.”* Quando vi o general do Corpo de Bombeiros (coronel, major, capitão, sei lá) se aproximando de mim eu estava no final do salto olímpico até hoje inigualável e caí do lado de Dona Zilá. Com a respiração ainda ofegante cochichei no ouvido dela: *“Dona Zilá, virei Bolsonaro...”*

O major-cabo-capitão-general, sei lá dos bombeiros, foi se aproximando de mim, Dona Zilá me abraçou com força, fez um anauê/heil disfarçado para ele com uma determinação de PARE! e decretou: *“BRASIL ACIMA de TUDO, DEUS ACIMA de TODOS!”*

Outra noite sem dormir na quarentena.... ●●●